

Ler(zinho)



Alice Vieira

Ainda há dias aqui se falou na necessidade de as pessoas se reunirem para uma discussão conjunta do problema da literatura que se escreve e edita para os mais novos. Pois, durante os últimos três dias da semana passada, a Fundação Gulbenkian reuniu alguns especialistas sobre o assunto, e houve debates e intervenções muito vivas sobre esses temas que, no fundo, a todos interessam. Só que a questão não se resolve com estes encontros: programados de manhã e de tarde em dias úteis, uma grande camada da população que mais directamente estaria neles interessada — professores, pais, educadores, etc. — viu-se impedida de comparecer e participar por estar, evidentemente, em seus empregos. É evidente que, apesar de tudo, esta iniciativa é, a todos os títulos, de apoiar e de não deixar morrer apenas nas boas intenções de que se reveste. Mas há que encontrar outras formas de se discutir o problema. Outros locais (ainda há em muita gente o quase pudor de penetrar nas salas da Gulbenkian..), outras horas, outra maneira. E aqui eu volto a chamar a atenção das autarquias locais, das sociedades de recreio, das casas de cultura, para o papel fundamental que elas poderão exercer neste aspecto.

1. Não vá o pintor...

Ser bom pintor não implica, evidentemente, que se seja bom escritor. Tal como ser bom escritor não quer dizer que se seja exímio artista plástico. E nenhum deles, decerto, se sente diminuído por isso. Folheio este livro com histórias novas da Carochinha e ficam-me, por instantes, os olhos nas belas ilustrações, neste desenho de casas e ruas de uma Lisboa imaginada que todos decerto bem gostaríamos de encontrar, e pergunto-me por que razão o pintor teve também de escrever o texto. Porque aí tudo se torna bem diferente... Nem se pode dizer que o fiozinho de história seja desinteressante, não. O que é desinteressante é a maneira de contar essa história: nenhuma garra, nenhuma novidade, nenhuma imaginação — com algum erro gramatical ainda à mistura (o fatal «pedir para» em vez de «pedir que»)... Escrever para crianças implica enorme responsabilidade. «Pensem muito bem, escrevam muito bem», este o único conselho que Anatole France costumava dar a quem queria dedicar-se à literatura infantil. E aqui não se escreveu nada bem. O que, de certo modo, contrasta com a ilustração onde, aí sim, se desenhou muito bem. Já agora uma última questão: naquela floresta onde todos os animais têm nome (Caracol-Paus-Ao-Sol, Aranha-Faz-Teias, etc.); por que razão chamar à porca «Porca Política?» Incutir estas ideias feitas em espíritos tão jovens como estes a que o livro se estdina, não será atitude condenável?

Rui Palma Carlos, «A Casa da Carochinha»; Coleção Histórias da Carochinha; Plátano Editora; 26 pp.; Lisboa 1981.

2. Espantalho, nosso amigo

Bastante mais imaginação demonstra Fernando Bento Gomes com as histórias do seu espantalho voador — tanto ao nível de desenvolvimento da intriga como ao nível da própria linguagem, onde a cantilena de feira se mistura com a prosa, conseguindo esta, em certos momentos, um ritmo apreciável. A história — com boas ilustrações de Henrique Ruivo — leva as crianças a uma viagem por diferentes mundos, onde coisas bizarras às vezes acontecem, onde se encontram pessoas como o Cinquenta-e-Um-da-Segunda-Companhia que não consegue acertar o passo com os demais e é o mais dorminhoco do quartel, embora sonhasse quando todos pensavam que dormia; onde se vai ter a cidades de países diferentes mas onde se encontram à mesma o empregado

de café, o sinalheiro, «estátuas, jardins, monumentos, parques, escolas, hospitais», que «não são prendas de almas boas», pois «a vida de uma cidade nasce das mãos das pessoas». Por essas cidades e pelos campos o espantalho vai passeando, cantando de vez quando, acompanhado sempre por um grupo de cegonhas que lhe vai mostrando as maravilhas que ele até então desconhecia: o mar e seus esconderijos onde os pássaros se encontram, as tantas chaminés e torres de sino, os pomares, as crianças. Um dia o espantalho decide ficar num país estrangeiro, sem medo ao desconhecido, porque ou tinha encontrado um amigo, e «melhor que ser guarda de seara, sinalheiro ou cata-vento, é ter um amigo com quem se pode contar.»

Fernando Bento Gomes, «Aventuras do Espantalho Voador»; ilustrações de Henrique Ruivo; Editorial Comunicação; 49 pp.; Lisboa 1981.

3. Sótãos, precisam-se!

Nesta cidade de cimento armado, onde as pessoas cada vez mais vivem em pequenos apartamentos, encaixados em prédios iguais, onde a privacidade é quase impossível — quem poderá ainda ter um sótão? Nestes cada vez mais numerosos bairros periféricos, onde as pessoas quase só vão para dormir, quem pode abrir arcas e delas tirar tesouros antigos para povoar o sonho das crianças? Maria do Carmo de Almeida parece, no entanto, ter descoberto tudo isso. Os seus heróis — o Chico, a Carmo, a Inês, o Pedro, o Zé, etc., etc. — divertem-se a comunicar com os seus vizinhos de prédio através dos sótãos que — oh, milagre! — todos possuem. Uma história que não se passa ontem, nesse antigamente onde isso ainda era possível, mas hoje, e aqui. Uma história que decerto vai fazer com que as crianças desta cidade olhem ainda mais tristemente para as paredes estreitas de sua casa — e delas queiram decerto fugir a sete (ou tantos quantos forem necessários) pés...

Nesses sótãos que a autora descreve, as crianças reúnem-se para conversar, para ler. E aqui eu recorro a intervenção da escritora Maria Cândida Mendonça, no encontro da Gulbenkian a que acima me referi, sobre a crescente impossibilidade das crianças terem, nas pequenas casas onde habitam, um canto para poderem ler sem o barulho da televisão, sem os adultos quase em cima delas...

Maria do Carmo de Almeida, «Os Sótãos Furados»; ilustrações de Fernando Bento; Coleção Pica-pau; editorial Verbo; 96 pp.; Lisboa, 1981.